

**PERFIL SOCIOECONÔMICO DE ALUNOS DE LICENCIATURA: ALGUNS  
APONTAMENTOS**

Julio Cesar Torres, Maria Dalva Silva Pagotto

Eixo 4 - Políticas de formação de professores  
- Relato de Pesquisa - Apresentação Oral

A pesquisa teve como objetivo identificar o perfil socioeconômico dos alunos do curso de licenciatura em Matemática da UNESP de São José do Rio Preto (SP). Para a construção dos procedimentos metodológicos recorreu-se a estudos que discutem a formação inicial de professores no Brasil à luz do perfil dos ingressantes: Almeida Neto (2007), Braga et al (1997), Da Ros et al (2001), Mazzetto e Carneiro (2002) e Melo (2007). Como resultado chegou-se no delineamento de indicadores tidos como relevantes para a identificação do perfil dos ingressantes no referido curso de graduação. São eles: a) recorte de alunos por gênero; b) idade; c) raça/etnia; d) tipo de escola da educação básica que frequentou – pública ou privada; e) composição da renda familiar; f) escolaridade dos pais. A literatura estudada aponta serem essas as variáveis que mais interferem nas condições de permanência, evasão ou conclusão do curso de graduação, além de poderem indicar o alto ou o baixo prestígio social de cursos de graduação. Palavras-chave: Alunos de Licenciatura; Matemática; Perfil Socioeconômico

# PERFIL SOCIOECONÔMICO DE ALUNOS DE LICENCIATURA: ALGUNS APONTAMENTOS\*

Julio Cesar Torres; Maria Dalva Silva Pagotto. UNESP.

## 1. Introdução

Diversos estudos vêm apontando há tempos que os cursos de licenciatura no país vivenciam uma gama de problemas, alguns originários de situações presentes, mas muitos que se remetem também aos primórdios da formação de professores no Brasil. Nesse contexto, a formação inicial de professores da Educação Básica ganha certa centralidade nas pesquisas educacionais e desencadeia muitos debates, principalmente nas duas últimas décadas, após a instituição da LDBEN 9.394/96 que estabeleceu a obrigatoriedade da formação docente em nível superior. O fato notório é que se evidencia uma permanente crise das licenciaturas.

Partindo dos primórdios da formação docente, constata-se que as primeiras Escolas Normais apresentavam um número reduzido de alunos, isto é, absorvia uma pequena parcela da população, não somente por suas deficiências didáticas mas, sobretudo, pela falta de interesse, já naquela época, pela profissão docente. Dentre os fatores que desencadeavam esse desinteresse encontrava-se a falta de atrativos financeiros, o pouco prestígio de que esses cursos gozavam, e ainda gozam, além da incompreensão sobre a importância dessa formação específica. (TANURI, 2000)

Fazendo um paralelo com a situação mais recente, percebe-se uma similaridade entre os problemas de agora e os encontrados quando das primeiras ações efetivas que visavam a formar nossos professores. Analisando-se o modelo de formação atual, inspirado ainda no paradigma consagrado nos anos de 1930, já apontavam Mazzetto e Carneiro (2002, p. 1204) que:

Apesar de criados no país nos anos trinta, o modelo de formação nos cursos de licenciatura frequentemente ainda se inspira na fórmula "3 + 1", ou seja, disciplinas de conteúdos específicos com duração de três anos, seguidas das disciplinas de cunho pedagógico com um ano de duração, caracterizando a desarticulação teoria/prática. Situação como esta resulta em grandes lacunas na formação dos licenciados. (MAZZETTO E CARNEIRO, 2002, p. 1204)

Quanto à falta de atrativos financeiros, trata-se de um fator que continua desmotivando, desde então, a procura dos egressos do ensino médio pelos cursos destinados à docência. A perda salarial por parte dos professores, a diminuição da atratividade da carreira e a desvalorização e descaracterização do magistério tem se revelado um processo crescente de proletarização dos professores.

As licenciaturas continuam gozando de pouco prestígio nas políticas e estratégias das instituições de ensino superior, o que pode ser constatado levando-se em conta a escolha dos candidatos, uma vez que as licenciaturas permanecem, majoritariamente, entre os cursos com menor relação candidato/vaga nos processos seletivos de ingresso. Como consequência, os cursos de licenciatura, por muitas vezes, são listados dentre os que apresentam menor “prestígio social” quando comparados com os demais cursos de graduação, não recebendo, assim, a devida atenção em relação aos seus projetos.

O desinteresse pelas áreas de Licenciatura pode estar sendo influenciado pela baixa qualidade do ensino e pelo surgimento de novas carreiras, sinalizando que estes cursos precisam melhorar sua qualidade, já que faltam professores qualificados para dar aulas no ensino fundamental e no ensino médio. (MAZZETTO E CARNEIRO, 2002, p. 1207)

A partir desse panorama de crise dos cursos de formação inicial de professores, haja vista a baixa procura e os altos índices de evasão e/ou reprovação, que elegemos como foco de nossa pesquisa o levantamento e análise do perfil socioeconômico de alunos de licenciatura. Para este estudo, recortamos a análise para o perfil dos alunos ingressantes do curso de graduação em Matemática da UNESP de São José do Rio Preto (SP). Embora figure entre os mais bem avaliados cursos na área do país, o mesmo sofre com altos índices de evasão e reprovação.

O curso de graduação em Matemática da UNESP/São José do Rio Preto possui ingresso único no vestibular do final do ano. Após cursarem o primeiro termo, os alunos optam por uma das duas modalidades (bacharelado ou licenciatura). No período diurno o curso oferece as duas modalidades, entretanto, para os ingressantes do período noturno a única possibilidade é cursar a licenciatura em Matemática.

## **2. Questões metodológicas**

Para o referido estudo, optou-se pela pesquisa a documentos e dados provenientes de diversos setores da universidade e, em particular, do IBILCE (Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas de São José do Rio Preto), lócus de nossa pesquisa empírica. Destacamos os dados provenientes da PROGRAD (Pró-Reitoria de Graduação), que anualmente reúne informações de todos os institutos e cursos da UNESP; Seção Técnica de Graduação do IBILCE, que possui dados categorizados por curso e suas respectivas modalidades (bacharelado e/ou licenciatura); Conselho de Curso de Matemática que possui dados complementares aos da Seção Técnica de Graduação, bem como constitui-se na instância responsável pela elaboração e gestão do projeto político-pedagógico.

Além disso, destacam-se os dados socioeconômicos dos candidatos inscritos e matriculados disponibilizados pela Fundação Vunesp (entidade responsável pelo exame de ingresso dos alunos). Esses dados são coletados a partir de questionário preenchido no momento da inscrição no vestibular que, nesta pesquisa, compreenderam os anos de 2005 a 2012, justificados por serem anos posteriores à reestruturação curricular vivenciada pelo curso de graduação em Matemática, após a instituição pelo Conselho Nacional de Educação das novas Diretrizes Curriculares para os cursos de licenciatura<sup>1</sup>.

A análise dos dados coletados foi discutida à luz de nosso referencial teórico que, em sua maioria, além de estudos que discutem a formação de professores no Brasil, constituem-se em outras pesquisas realizadas acerca da realidade dos cursos de licenciatura em diversas instituições de ensino superior do país. Destacamos os seguintes estudos que tomamos como base para a definição de nosso percurso metodológico e para a nossa análise: Gatti e Sá Barreto (2009), Almeida Neto (2009), Andrade (2007), Melo (2007), Mazzeto e Carneiro (2002), Da Ros et al (2001), Braga et al (1997).

Visando à construção de um referencial metodológico para o desenvolvimento de nossa pesquisa, procedemos ao levantamento de outras investigações que já tinham sido levadas a cabo em outras universidades com os mesmo propósitos, quais sejam, identificar o perfil e a trajetória escolar de alunos em diferentes cursos de graduação.

### **3. Problematizando nosso objeto**

Melo (2007) estudou a formação de professores nos cursos de Física, Matemática e Química na Universidade Federal de Uberlândia (UFU). O

propósito dessa pesquisa foi compreender os processos formativos desenvolvidos nos cursos e analisar as principais dificuldades enfrentadas pelos alunos, com a finalidade de contribuir com o aprimoramento permanente destes cursos na referida instituição. De acordo com a autora:

Vários estudos apontam para os problemas dos cursos de licenciatura no Brasil, principalmente a má formação pedagógica, a valorização dos conhecimentos da área específica e a ênfase na formação do bacharel. Além disso, existem problemas relacionados à formação deficiente dos estudantes no ensino médio, que prejudicam a formação no ensino superior. (MELO, 2007, p. 01)

Outro dado relevante apontado comumente é o fato que a sobra de vagas nos cursos superiores brasileiros, inclusive nas universidades públicas, concentram-se basicamente nos cursos de licenciatura. Destaca-se como principal causa desse fenômeno o fato de serem de pouco interesse esses cursos para aqueles que estão ingressando no ensino superior. São cursos que apresentam também, em média, uma menor relação candidato/vaga nos exames de ingresso, denotando-os como cursos de baixo prestígio social.

Importante destacar, todavia, que numa clara tentativa de se equiparar o Brasil ao contexto das tendências contemporâneas de formação de professores da educação básica, a nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9.394/96) estabelece a obrigatoriedade de formação desse professor em nível superior. Como bem indicam Gatti e Sá Barreto (2009, p. 55), “a elevação dos patamares de formação docente foi uma constante ao longo do século XX nos países desenvolvidos e se fez também acompanhar no Ocidente pelos países com indicadores médios de desenvolvimento”.

Nesse sentido que uma análise do perfil dos alunos dos cursos de licenciatura no país faz-se necessária, bem como um levantamento sistemático da trajetória escolar apresentada pelos alunos em cursos de formação de professores, visto que o planejamento pedagógico dos mesmos somente concretiza-se, na prática, a partir do conhecimento da realidade encontrada e investigada.

A própria exigência de uma formação superior para o magistério na educação básica impõe às políticas educacionais uma reflexão acerca das estratégias de formação inicial do professor. Observam Gatti e Sá Barreto (2009, p. 56) que:

Dadas as novas exigências legais, como seria de esperar, observa-se após a LDB uma explosão de cursos superiores de licenciatura voltados para a formação de professores das séries iniciais do ensino fundamental e da educação infantil, embora, em vista do grande número de docentes que apenas frequentam cursos de nível médio, haja ainda um longo caminho a percorrer para universalizar a formação de professores em exercício em nível superior, sem contar os das novas gerações que devem ingressar no magistério. Mas também se verifica um crescimento expressivo da oferta das licenciaturas tradicionais, que formam os professores dos componentes curriculares específicos do currículo do ensino fundamental e médio.

Outro aspecto apontado por Melo (2007) diz respeito à formação deficiente dos alunos no ensino médio, fato que também pode acarretar em um desempenho escolar insatisfatório quando do ingresso no ensino superior. A mesma autora, no estudo indicado, ao analisar o curso de Física da Universidade Federal de Uberlândia, demonstra a importância de se conhecer a realidade específica do curso e o perfil dos alunos:

Os alunos do curso de Física demonstraram pouca identificação com a profissão docente. Este traço parece estar relacionado às características dos alunos e aos motivos que os levaram a ingressar no curso. Muitos alunos, conforme relataram, entraram no curso de Física por falta de opção e por se tratar de um curso noturno, visto que, muitos precisam trabalhar durante o dia. Esse perfil do aluno trabalhador, segundo os professores entrevistados, dificulta o desenvolvimento do curso, por se tratar de um curso de difícil que exige muita dedicação. Os dados coletados demonstram que, aliado a essas dificuldades referentes ao pouco tempo que os alunos possuem para se dedicar à sua formação, o curso não proporciona muitas experiências mobilizadoras para a construção da identidade profissional. (MELO, 2007, p. 7-8)

Com esta pesquisa, ao levantarmos variáveis socioeconômicas que caracterizam o perfil dos ingressantes de um curso de graduação e sugerir possíveis impactos na trajetória escolar em nível superior, procuramos ampliar o debate sobre as perspectivas de estudos e pesquisas em formação de professores, contribuindo para o avanço das discussões da área. Pois, se de um lado existem poucos egressos do ensino médio interessados na carreira docente, por outro lado o país enfrenta um verdadeiro “apagão” de professores nas salas de aula. E no meio desse tortuoso caminho os cursos de licenciatura apresentam, geralmente, um altíssimo índice de evasão. Essa discussão torna-se primordial no âmbito da política educacional brasileira contemporânea.

#### **4. Análise dos resultados e considerações finais**

Levando-se em conta a primeira variável analisada, referente ao recorte dos alunos por gênero, verificou-se uma ligeira predominância de homens entre os ingressantes, com exceção nos anos de 2006 e 2010 em que 66,3% e 55,2%, respectivamente, dos ingressantes no período diurno eram mulheres, e no ano de 2011 em que 60% dos ingressantes no noturno também eram mulheres. Mas nos dois períodos podemos considerar, basicamente, que é proporcional o número de ingressantes em relação ao gênero.

Quanto à segunda variável analisada, referente ao recorte dos alunos por idade, encontrou-se a grande maioria dos licenciandos na faixa etária ideal para o ensino superior, qual seja, de 18 a 24 anos. Avaliamos que a maioria das pessoas de 25 anos ou mais optam pelo curso no período noturno.

Muito embora nos anos analisados a idade da maioria dos ingressantes encontra-se na faixa etária considerada ideal, o número de alunos que iniciam o curso em idade mais avançada concentra-se no período noturno, sugerindo que esses alunos demoram mais para ingressar no ensino superior ou, até mesmo, levam mais tempo para conclusão do ensino médio. Outras, ainda, podem estar ingressando em um segundo curso superior para a complementação da formação inicial.

O terceiro indicador educacional analisado refere-se ao recorte dos alunos quanto à raça/etnia. Partindo do pressuposto de que a cor/raça dos indivíduos é uma característica autodeclarada e, ademais, a UNESP não ter aderido ao sistema de ingresso por intermédio de cotas até o período de ingresso analisado, o número de alunos ingressantes tanto no diurno quanto no noturno, concentram-se, majoritariamente, entre os que se declaram brancos, ficando em todos os anos, acima dos 70%.

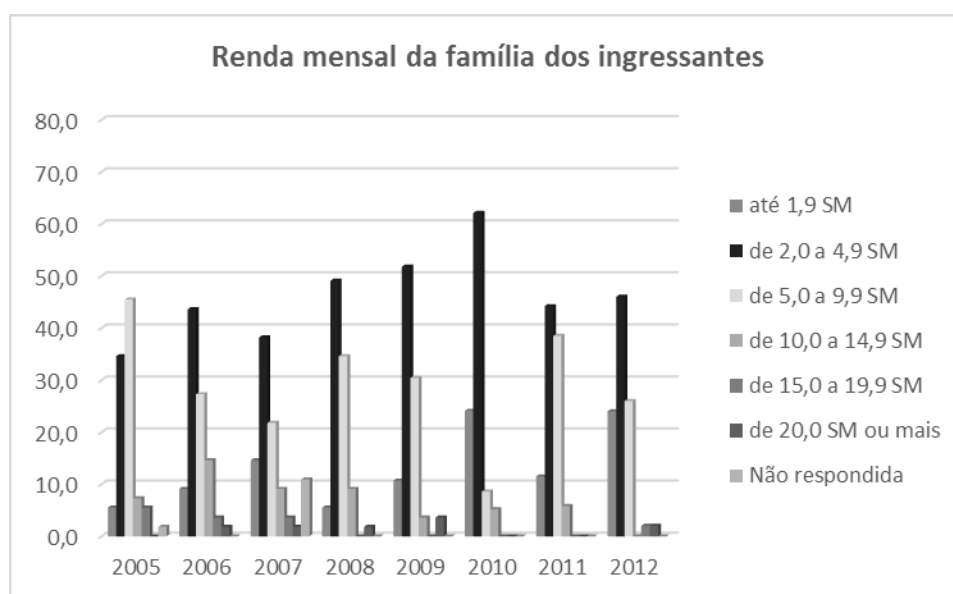
Levando-se em conta a quarta variável analisada, referente ao tipo de escola da educação básica que os alunos frequentaram, percebe-se que mais de 70% dos ingressantes no curso de Licenciatura em Matemática do período noturno, durante todos os anos analisados, advêm de um Ensino Médio todo cursado em escola pública. Este percentual diminui um pouco, quando analisamos os ingressantes no período diurno.

Os índices chamam a atenção, pois conhecemos o ensino público oferecido no país, cujas carências são evidentes. O fato de os ingressantes

serem oriundos de escola pública, segundo Melo (2007), pode ser um dos fatores que levam à reprovação como consequência da defasagem de conteúdos que os alunos trazem da escolarização secundária, acrescida da falta de estratégias e/ou intervenções pedagógicas para o nivelamento dos ingressantes por parte das instituições de ensino superior.

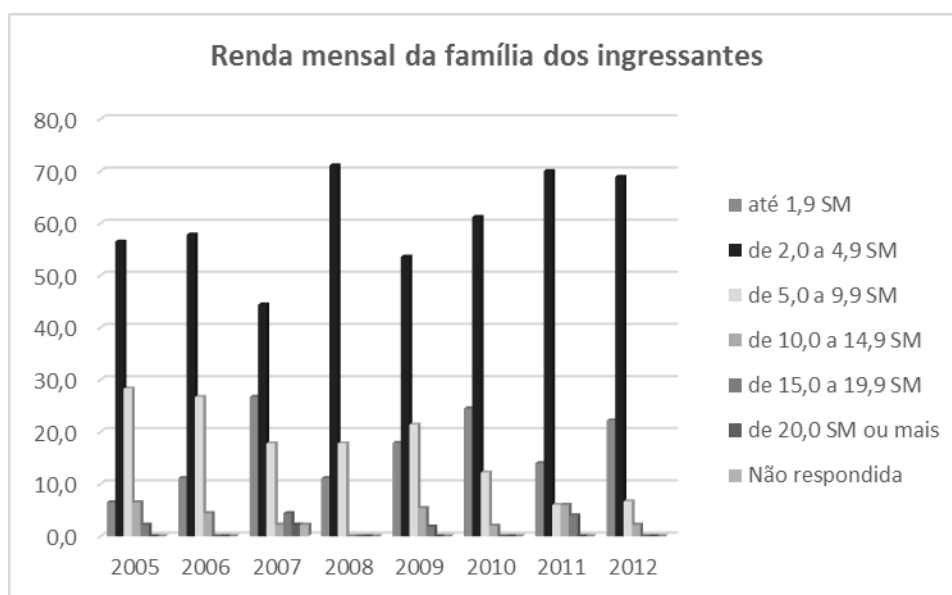
Quanto à quinta variável analisada, referente à composição da renda familiar dos estudantes do curso de graduação em Matemática, observa-se que a grande maioria, tanto no diurno quanto no noturno, encontram-se nas faixas de renda familiar cujo intervalo é de dois a dez salários mínimos. Um número significativo de alunos encontra-se na faixa entre dois e quatro salários mínimos, recebendo destaque os ingressantes do noturno.

Os dados sugerem a hipótese de que os ingressantes em Matemática estejam ascendendo em relação às condições de origem familiar pelo fato de que cursar uma graduação em nível superior poder significar, algumas vezes, um processo de ascensão social. Esse fato precisaria ser melhor analisado à luz de outras variáveis que não foram foco deste estudo. A própria desvalorização social, inclusive financeira, da carreira do magistério da Educação Básica pode não traduzir necessariamente uma mudança de status econômico por parte desses sujeitos.



**Figura 1:** Percentual anual de ingressantes em Matemática por renda mensal familiar, período diurno, abrangendo o período de 2005-2012. Elaboração própria.

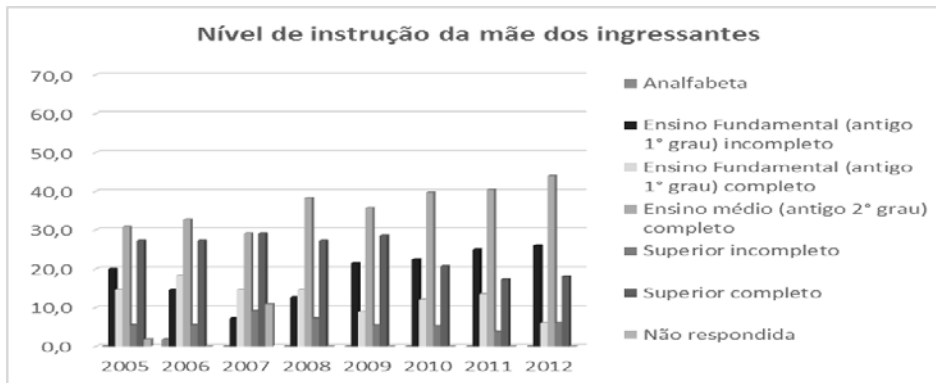




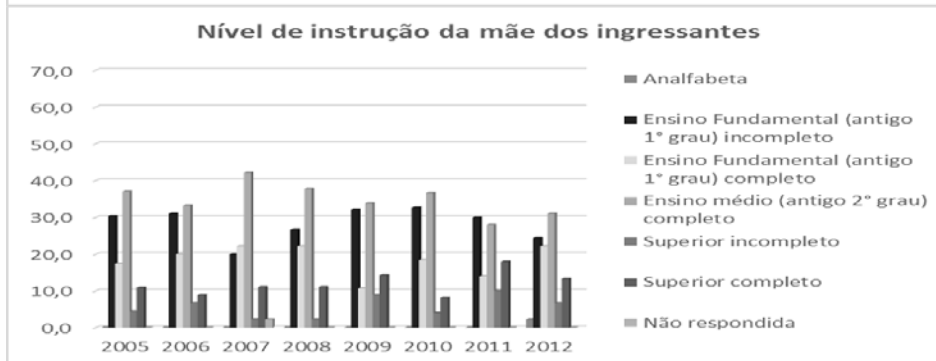
**Figura 2:** Percentual anual de ingressantes em Matemática por renda mensal familiar, período noturno, abrangendo o período de 2005-2012. Elaboração própria.

A escolaridade dos pais pode ser utilizada como um indicador do capital cultural das famílias de que provêm os estudantes. (BOURDIEU, 1998) O perfil dos ingressantes de Matemática apresenta uma situação desfavorável em termos socioeconômicos. Neste quesito da escolaridade média dos pais, os familiares desses alunos apresentam uma baixa frequência à escola, sobretudo por parte das mães.

Durante todos os anos analisados, percebemos que poucos ingressantes, tanto do diurno quanto do noturno, são oriundos de lares de pais analfabetos, sendo que a maioria dos pais apresenta o ensino fundamental (antigo 1º grau) completo ou o ensino médio (antigo 2º grau) completo. Observa-se, contudo, que os pais dos alunos que ingressam no diurno têm um nível de instrução melhor que os pais dos ingressantes do noturno, quando comparado os percentuais de ensino superior completo. Mesmo assim, o percentual de pais com o nível médio é maior ou igual ao percentual dos pais que possuem curso superior completo em todos os anos analisados. Desse modo, podemos concluir que os ingressantes em Matemática, independente do período, estão superando os níveis de instrução dos pais.



**Figura 3:** Percentual anual de ingressantes em Matemática por nível de instrução dos pais, período diurno, abrangendo o período de 2005-2012. Elaboração própria.



**Figura 4:** Percentual anual de ingressantes em Matemática por nível de instrução dos pais, período noturno, abrangendo o período de 2005-2012. Elaboração própria.

Esse dado indica que parte considerável dos alunos do curso de licenciatura em Matemática da UNESP/São José do Rio Preto representa, desde já, a primeira geração entre seus pares a ascender ao ensino superior com expectativa, em que pesem as dificuldades inerentes ao próprio curso e à defasagem em relação às chances de vida e oportunidades educacionais anteriores, de se tornarem graduados em nível superior. Não é pouco o que este dado representa para o perfil médio desses alunos, futuros professores da Educação Básica: baixo nível de renda, egressos da escola básica pública, idade um pouco mais avançada quando do ingresso, estudam no período noturno muitas vezes, e são de famílias que apresentam um baixo capital cultural.

Durante todo o tempo de pesquisa e levantamento dos dados foi possível constatar a importância de se conhecer a realidade social na qual um curso de graduação se inscreve. Muitas vezes, acredita-se que o desempenho escolar do aluno possa ser analisado apenas sob o prisma da *performance* individual nos estudos. Nossa pesquisa, assim como outras, indica que não. Existem questões de cunho estrutural que também podem determinar ou, até mesmo, acentuar uma tendência futura de fracasso escolar.

Indicadores educacionais e evidências históricas que elevam um curso superior como de alto prestígio social, enquanto outros são rebaixados na perspectiva dos egressos do Ensino Médio que optam por cursar uma graduação, podem muitas vezes camuflar e/ou ofuscar deficiências na concepção do curso e na própria gestão pedagógica do mesmo.

O perfil de ingressantes em um dado curso superior pode sugerir algumas variáveis que interferem na posição que um curso e/ou uma carreira profissional ocupam na sociedade em termos de *status*, prestígio e valorização social. Em relação a essa problemática, há muito ainda para se pesquisar e discutir sobre a formação inicial de nossos professores da Educação Básica.

## 5. Referências

ALMEIDA NETO, Manoel. **Dilemas e desafios relativos à permanência e profissionalização de estudantes pobres no ensino superior**: o caso dos alunos de Ciências Sociais da PUC-Minas. Caxambu-MG, 33º Encontro Anual da Associação de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais, 2007.

ANDRADE, Roberta Rotta Messias. **Pesquisas sobre formação de professores**: uma comparação entre os anos 90 e 2000. Caxambu-MG, Associação de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação, 2007.

BOURDIEU, Pierre. **Escritos de educação**. Petrópolis-RJ: Vozes, 1998.

BRAGA, Mauro Mendes et al. Perfil sócio-econômico dos alunos, repetência e evasão no curso de Química da UFMG. **Revista Química Nova**, vol. 20, n. 4, 1997, p. 438-444.

DA ROS, Silvia Zanatta et al. **Fala Pedagogia**: um estudo sobre o perfil acadêmico dos estudantes e suas opiniões sobre este curso da UFSC. Caxambu-MG, Associação de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação, 2001.

GATTI, Bernadete Angelina; BARRETO, Elba Siqueira de Sá. **Professores do Brasil**: impasses e desafios. Brasília: UNESCO, 2009.

MAZZETTO, Selma Elaine; CARNEIRO, Claudia Christina Bravo e Sá. Licenciatura em Química da UFC: perfil sócio-econômico, evasão e desempenho dos alunos. **Revista Química Nova**, vol. 25, n. 6B, 2002, p. 1204-1210.

MELO, Geovana Ferreira. **Questões exatas, respostas incertas**: dilemas e perspectivas na formação de professores de física, matemática e química. Caxambu-MG, Associação de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação, 2007.

TANURI, Leonor M. História da Formação de Professores. **Revista Brasileira de Educação**, n. 14, mai/jun/ago 2000, p. 61-88.

---

\* Gostaríamos de agradecer a preciosa colaboração das estagiárias do Grupo de Pesquisa em História e Política Educacional (UNESP) na coleta e tabulação dos dados: Dianelli Lisboa Caun, Daniele Machado de Castilho, Aline Cristina dos Santos Stelzer.

<sup>i</sup> Resolução CNE/CP 01/2002 – instituiu as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica, em nível superior, curso de licenciatura, de graduação plena.